

ANTOLOGIA

Contos e Poemas Marítimos

VOL. VI

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-02-01369-4

2026

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

[NAS CORRENTES, AS ONDAS QUEBRAM PARA TRÁS, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 05](#)

[O MAR DENTRO DE MIM, POR DANIELA LIMA, PÁG. 08](#)

[ONDAS, POR DANIELA LIMA, PÁG. 10](#)

[TREVA AZUL, POR FLAVIA SEREIA, PÁG. 13](#)

[AS MARAVILHAS DO MAR, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 15](#)

[UM LUGAR MÁGICO, POR NELCI OLIVEIRA, PÁG. 17](#)

[CANÇÃO NOTURNA, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 20](#)

[CAMINHOS DO MAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 25](#)

[AMO O MAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 27](#)

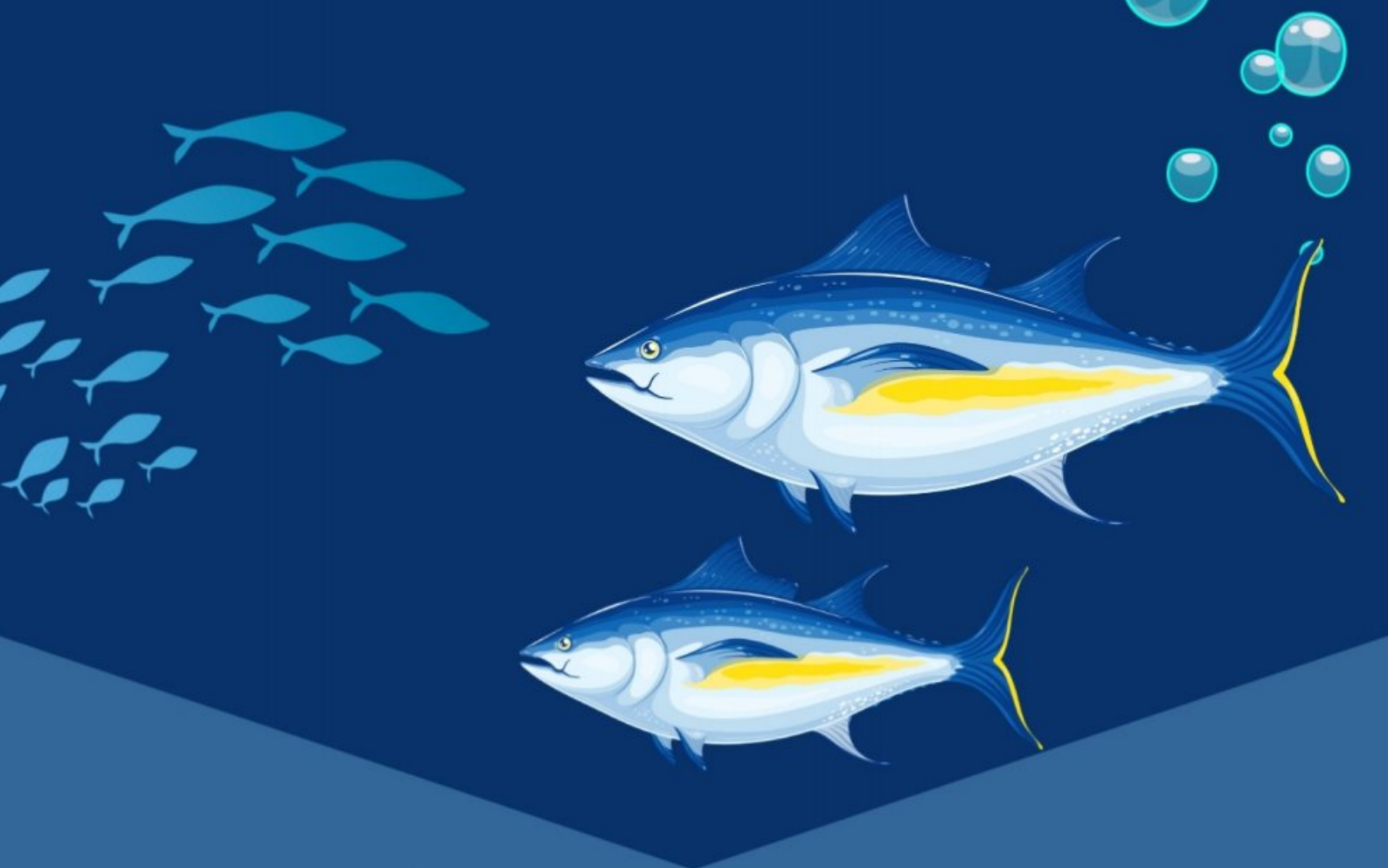
[O MAR É VOCÊ, POR VINICIUS BORIN, PÁG. 29](#)

[CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 31](#)



Contos e Poemas Marítimos

VOL. VI
ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

NAS CORRENTES, AS ONDAS QUEBRAM PARA TRÁS

Por Cisterna de Luzes

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB13.339), já publicou 17 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

Nas correntes e nas correntezas, as ondas, antes de chegarem às margens dos seus encontros, elas **quebram para trás***... pode-se até ouvir seus ais... de saudade e saudades da sua vertical linha de deslocamento... daquele belo momento quando se horizontalizou e se separou de sua corrente e da sua linear correnteza...

Não é que nem as faceiras ondas dos nossos mares e dos nossos litorais, quando as ondas vibram em morrer na praia e na areia, **nos cômoros que as atam e nas espumas que as desatam...**

Não é assim nas ondas **laterais das correntes verticais**... porque são retas e errantes, **após aquela passagem por sobre o lombo elevado do fundo do teu riacho encantado**... subiu o seu fundo, do seu rio e, acima, a estreita fortaleza, entre as pontes que uniam seus barrancos e seus barracos.

Esta ou essa elevação do teu fundo do teu riacho de interrogação, foi ela ou aquela que te superou tua líquida descendência.

E foi essa feliz ausência de leito aprofundado, tua nave e tua mensagem...

Aquele pescador a 50 metros a vazante de tua sólida ponte, **é o teu pescador que pesca na tua cidade sem poluição... tu és ele e ele pode ser quem tu gostarias de pescar...** Seu anzol é que te pesca teus peixes em tuas profundezas?

Correntezas existem quando se estreitam os teus e os seus, os mares e os vossos caminhares... águas agitadas porque estão muito apertadas... ou tuas margens foram estreitadas ou o fundo das calhas do leito do teu rio de sofrimento, **sofreu o necessário erguimento, para que fosses mais apressado e mais apreciado**... em tuas ondas, **em teus anzóis e em tuas pescarias de iguarias que se te caem cantando e se arrepiam** até aos teus mais espetados **arpões em** tuas doloridas mãos...

Vai, colhe aqui e ali, lá e acolá...

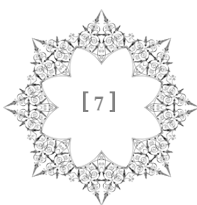
Arpoeja teus peixes coloridos e por ti sempre presentidos... não os machuques, nem os mates, eles são das cores das mais belas luzes... porque a eles te conduzes, **e por que não os seduzes com a necessária isca das tuas internas petiscas?**

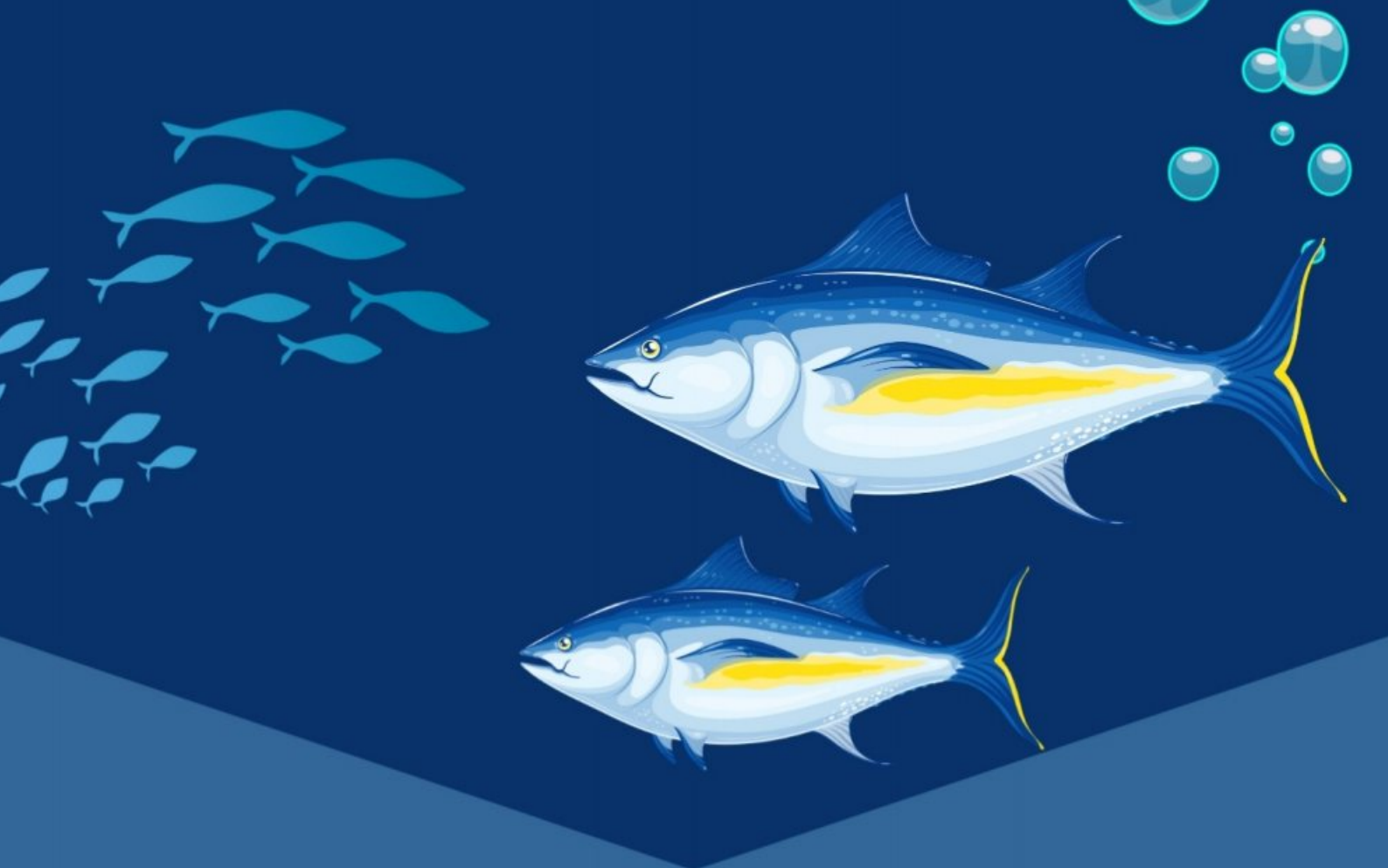
Mas, como dito e agora redito, o édito ou o edito é mensagem do rei ou do juiz, das alturas, ou das amarguras...

Nas correntes que correm com pressa, às pressas, saem ondas horizontais **que, ao buscarem tuas margens, socorridos ais são endereçados, de de volta, com ou sem revolta, à corrente do meio, onde moram e mourejam, pescadores e sedutores...**

Elas quebram para trás, elas suspiram pelos ais... do tempo em que não eram ainda nascidas, mas moravam e mourejavam com aquele pescador do meio, da outra margem, das águas límpidas, destas líquidas mensagens...

*Corrente de um pequeno rio ou canal, dentro de uma cidade de um país da Escandinávia, após uma ponte, em visita do autor.





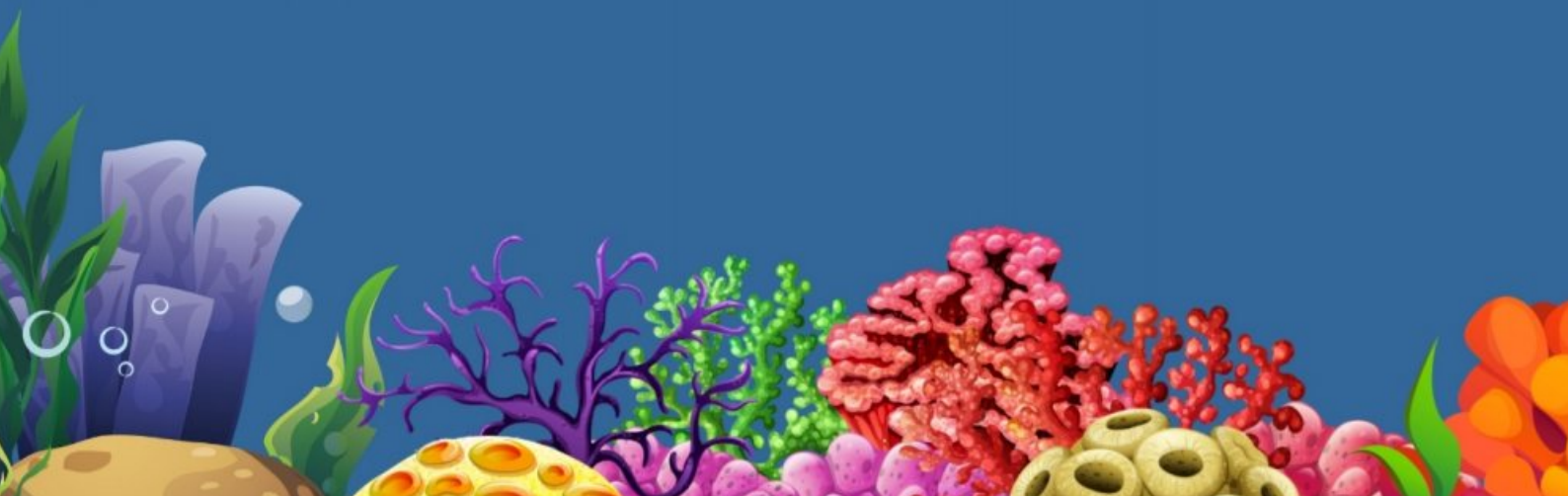
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O MAR DENTRO DE MIM

Por Daniela Lima

Daniela é Delegada de Polícia e professora de direito, mãe de Danilo, João Pedro e Alice e sempre gostou das palavras tendo o hábito de ver poesia em tudo que a cerca.

Vivendo à beira mar na Praia dos Náufragos em Aracaju, ela tem no mar seu companheiro de todos os dias, com quem dialoga no cotidiano e a quem observa com reverência.

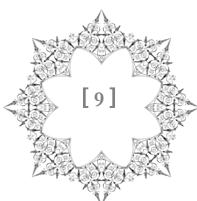


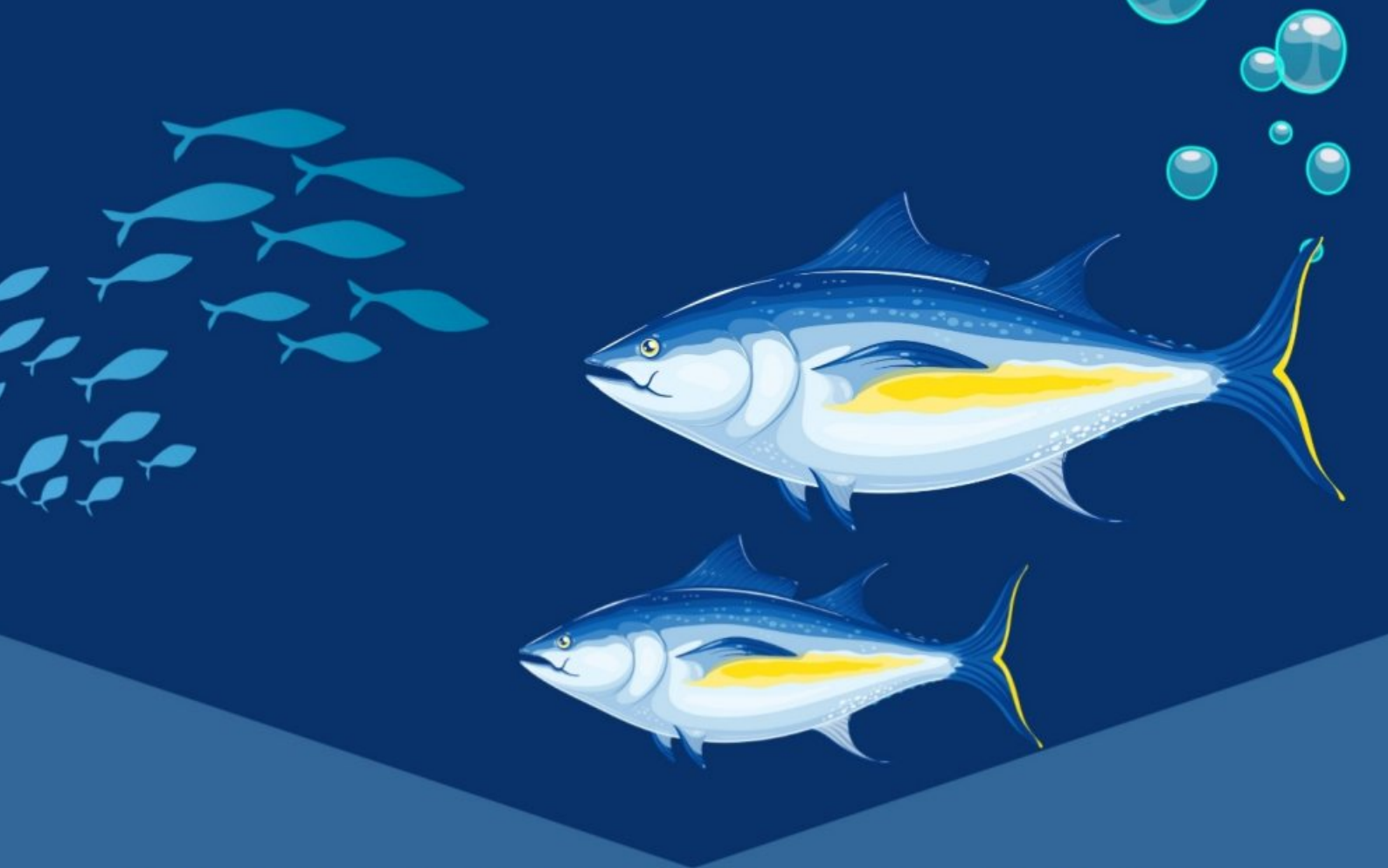
O mar está dentro de mim e balança. Não sei ao certo como isso se deu...
Se ele entrou pelos meus olhos enquanto eu o mirava... Se entrou pela minha pele enquanto eu me banhava...
Ou se entrou sorrateiro e lúgubre pelo meu sexo em algum momento de arrepio e torpor.
Só sei que ele está dentro de mim...
e balança.
E transborda em sal e fúria.
Eu por dentro me converto em silêncio de peixe. Me transmudo em canto e dor de baleia.
E transformo em aspereza e confusão de areia. Em resignação de tartaruga velha.
Em desolação de naufrágio; Em deserto de fossa abissal.

O mar está dentro de mim e balança.
Com a violência das vagas gigantes que engolem navio, gente e cidade, Que açoita rochedos e cospe náufragos desfigurados.
O mar está dentro de mim e balança Sem medida nem limite.
Sem hesitação. Lavando.
Arrancando. Revolvendo Dilacerando. Afogando, Sufocando,
Apagando.
Sepultando em água e sal.

O mar está dentro de mim e ainda balança.
Agora como o quebrar suave das marolas na praia Como o vento terral na manhã
Eu por dentro me converto em ciranda de peixinhos azuis e amarelos. Me transmudo em risada e festa de golfinhos e sereias.
Me transformo em profusão de cor e movimento, em jardins de anêmonas e corais. Em algazarra de andorinhas e gaivotas.
Em fartura prateada de sardinhas, curimãs e robalos

O mar está dentro de mim e balança.
E não preciso buscá-lo ao mirar o horizonte Nem lançar mão de nau ou embarcação
Porque ele estará sempre dentro de mim... e balança.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ONDAS

Por Daniela Lima

Daniela é Delegada de Polícia e professora de direito, mãe de Danilo, João Pedro e Alice e sempre gostou das palavras tendo o hábito de ver poesia em tudo que a cerca.

Vivendo à beira mar na Praia dos Náufragos em Aracaju, ela tem no mar seu companheiro de todos os dias, com quem dialoga no cotidiano e a quem observa com reverência.



Tenho vivido a sufocar em ondas. É isso que faço todos os dias.

Já faz um tempo...

Às vezes vêm em forma de vagas gigantes que se precipitam sobre a minha cabeça e atiram meu corpo e minha alma com violência em uma escuridão abissal tão forte e tão densa que imagino ser eterna e ter sido concebida antes mesmo do princípio dos tempos.

Acho que estou ficando experiente na arte de me afogar, de sentir o ardor da água salgada a entrar pelas minhas narinas, encharcar meus pulmões, os últimos sopros de oxigênio a se debater contra ela, e meu corpo inerte a flutuar num frio aquoso que tudo cerca e do qual nada escapa.

Já não luto. Já não.

Luto

E morro repetidas e repetidas e repetidas e repetidas vezes.

E o abraço com calor e com ternura porque não tenho mais nada além da verdade da minha dor, impotência e pequenez de quem, como criança, se encantou e se lançou num sonho naif de amor eterno com um delírio de certeza.

Eu que nem sei em que dia fui arrancada de meu leito quente e fofo, cheio de amor e desejo, cercado de “eu te amos” de coqueiros e mangueiras abundantes que se pendiam em cachos e espalhavam pelo chão alegria do cheiro doce e amarelo do amor e da vida, decorado com meninas coloridas, cheirando a café, para virar refém das ondas!

Não sei quando fui capturada.

Às vezes, elas, as ondas, elas me enganam.

Sim, elas me enganam e me fazem crer que posso escapar.

Então vem mansas como um por do sol no rio. Uma, duas, três, às vezes até parecem parar.

Me ponho a nadar com força, quase a desintegrar meus braços e pernas, e assim, desperdiço algum resto de brilho e vida e chego quase a ver de volta meu sonho estilhaçado.

Chego quase a ver o meu lugar, o lugar que era tão meu, onde os peixes, o mar, as ondas e embarcações tinham ofício de enfeite de uma vida e que havia sido dado pelo artista que ali habitava.

Chego a sentir seu cheiro ou imaginar-me capaz de alguma alegria.

Então elas voltam e desabam imensas sobre o meu corpo diminuído e sobre a minha cabeça e já reconheço o som do partir dos meus ossos, já conheço o jeito como a minha pele é escoriada pela areia e arrancada pelo choque com os rochedos que nem antes haviam e aparecem para me dilacerar.

Novamente escuro, novamente frio. Mais uma vez me afogo.

Mais uma vez o ardor da água a entrar pelas minhas narinas e encharcar meus pulmões.

Mais uma vez os últimos sopros de oxigênio a se debater contra ela.

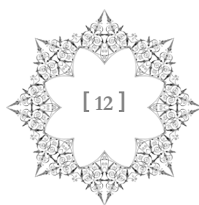
Mais uma vez meu corpo inerte envolto num frio aquoso que tudo cerca do qual nada escapa. Já não luto.

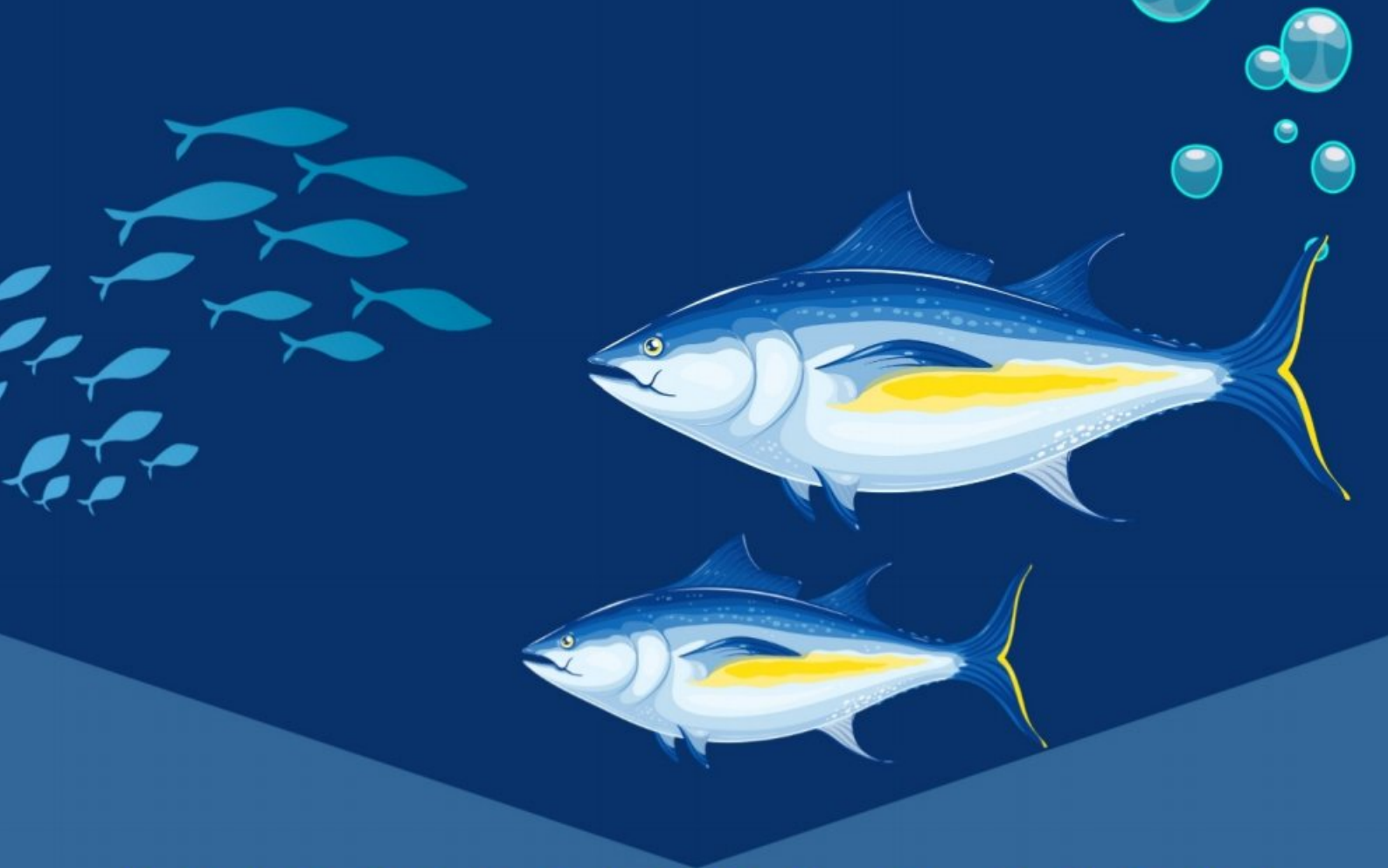
Já não. Luto

E eu nem sei porque me é dado morrer e reviver, só para morrer de novo afogada refém das ondas!

Já não luto. Já não.

Luto.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

TREVA AZUL

Por Flavia Sereia

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

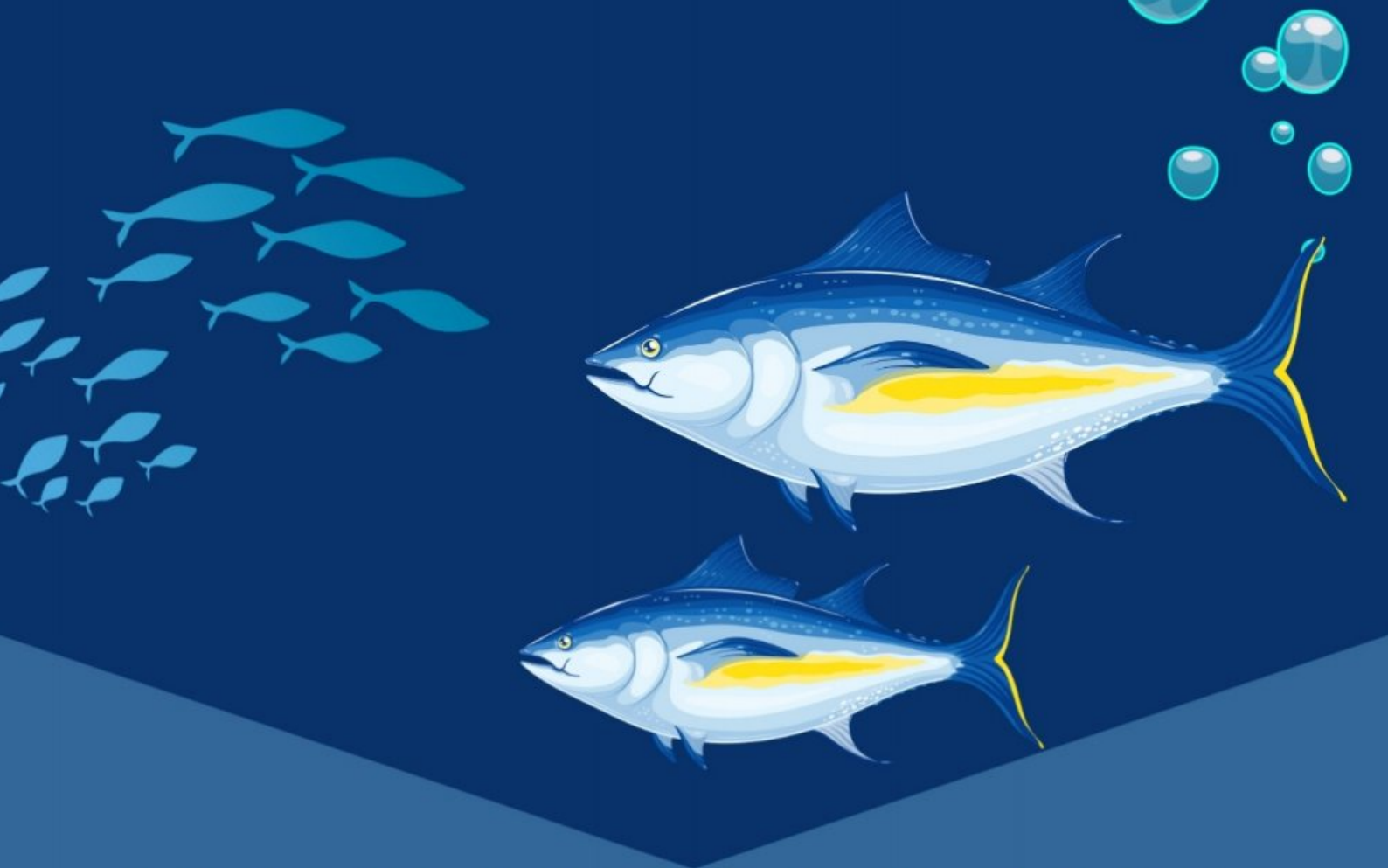


“Sendo uma trova de amor, me faz ao mar carente de te ver ao fim da vida de tanta teimosia intermitente”

Cuja aurora n’infinito
D’um beijo despedir
Ao cantar trova permito
D’vida outrora sucumbir

Se fosse o ventre de tua mãe, respeitaria filho ingrato? Porquê das águas que nascestes, fazes lágrimas agora. Louco desejo de pôr fim à origem da vida.”





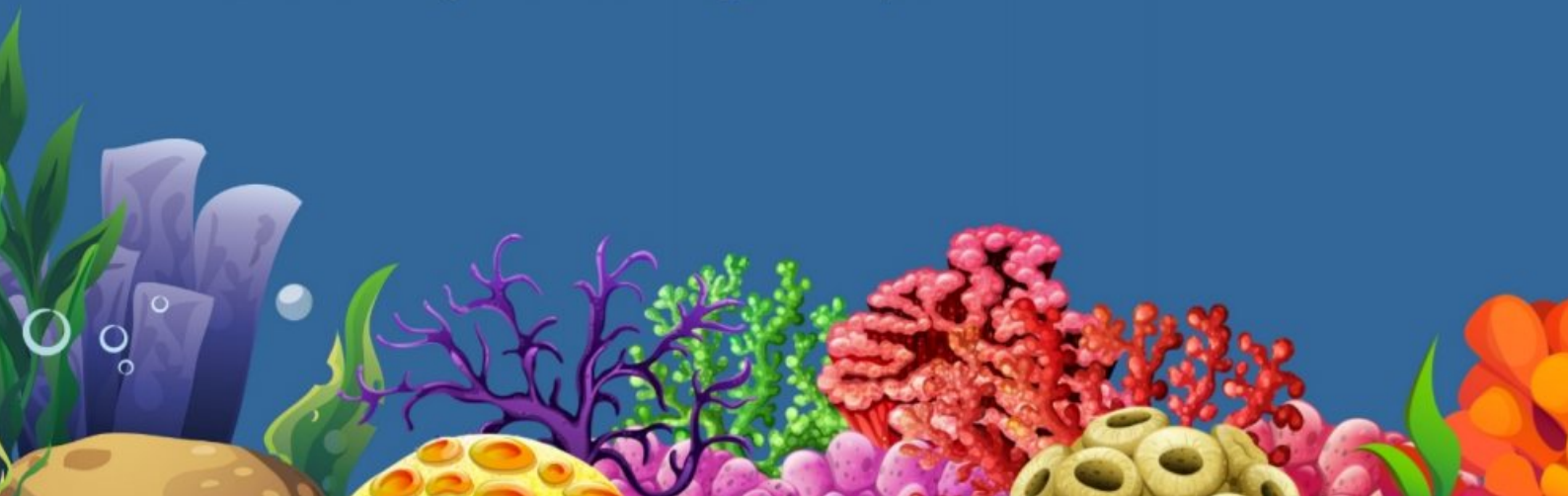
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AS MARAVILHAS DO MAR

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte. Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



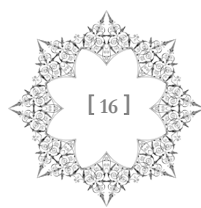
Na vastidão do mar é onde encontro,
águas infinitas de uma beleza sem par.
Perco-me na imensidão de tanto encanto,
onde as ondas vêm e vão sem cessar.

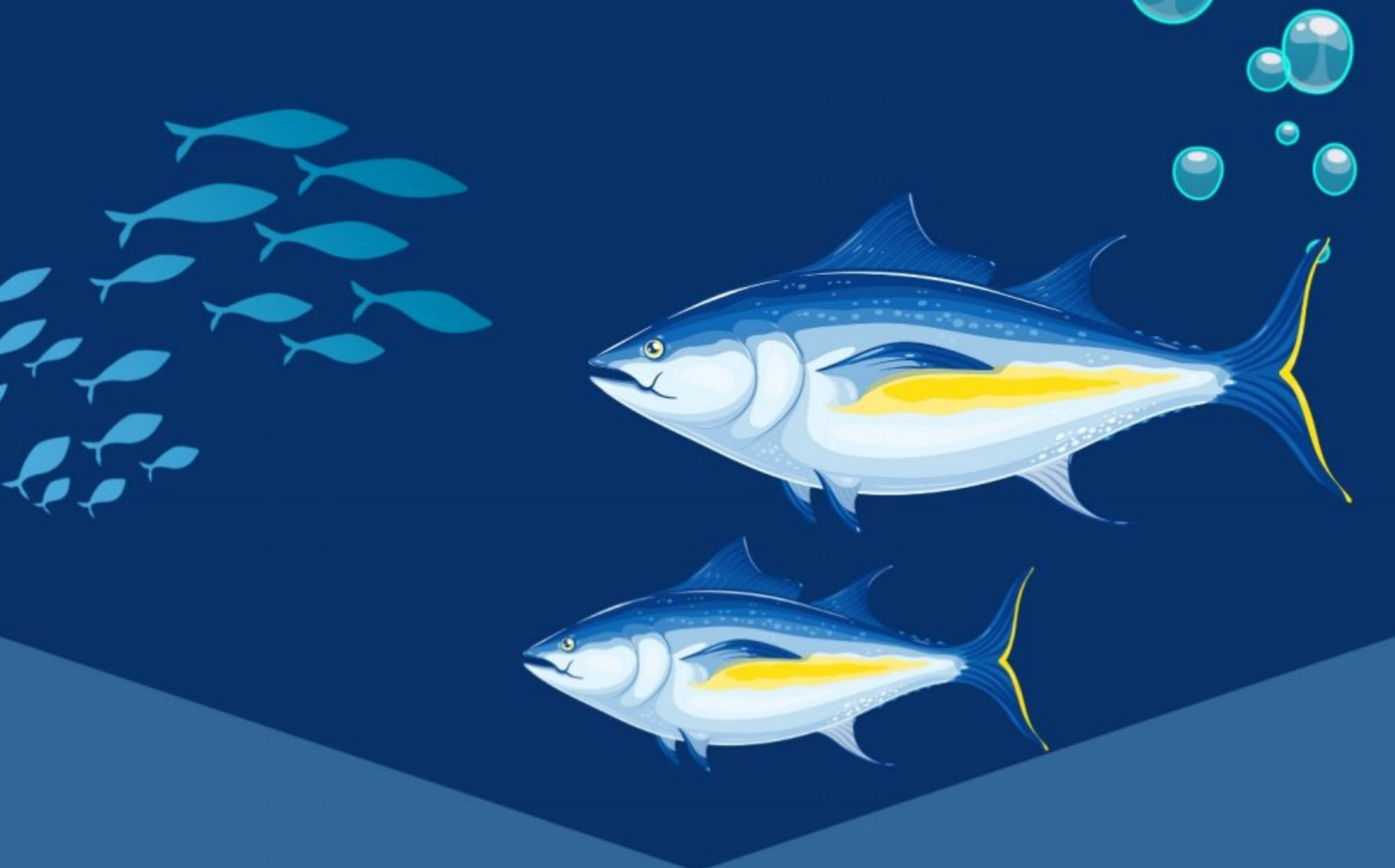
Entre a vegetação, mistérios a desvendar,
mini habitantes povoam a fauna marinha.
Diversidade de vida, impossível não amar,
cada ser pequeno em sua dança solitária.

A vegetação, com suas cores brilhantes,
baila ao sabor da maré, tão bela e bravia.
Formas exóticas, que não dá para ignorar,
no fundo do mar, uma verdadeira sinfonia.

Imaginação vagueia nesse mundo profundo,
rico em espécies que o tempo fez florescer.
Cada cantinho com sua beleza, é um instante
para admirar, enaltecer e de novo me perder.

Imersa estou nesta magnitude tão encantada...
O mar acolhe, envolve, então me deixo levar.
Nessas águas infinitas, meu espírito vai flutuar
e na sua imensidão é onde eu descubro a paz.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

UM LUGAR MÁGICO

Por Nelci Oliveira

Nelci Lourdes Back Oliveira é gaúcha, casada, tem dois filhos, uma filha, dois netos e uma neta. Professora aposentada, graduada em Letras e Pedagogia. É especialista em Interdisciplinaridade. Gosta de ler e escrever para crianças. Tem participação em dezenas de antologias e seis livros publicados. Recebeu vários prêmios nacionais e internacionais.

Naquela praia, naquele mar
O sol emergia entre as águas
Do oceano e da linha do horizonte
Colorindo toda a paisagem
De um intenso bronze.
Conforme o sol ganhava altura
A paisagem se cobria de um manto azul.
Ali eu ficava a contemplar aquela grandiosidade.
Os meus olhos azuis
Como duas pedras de topázio
Sugavam o céu e o mar igualmente azuis.

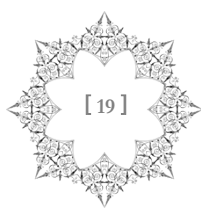
Aquele som, aquelas ondas
Que iam e vinham
Embaralhavam meus pensamentos.
Ao mesmo tempo que
Deixavam a areia pontilhada
De estrelas e conchinhas, assim, como
Fica o céu nas noites estreladas.
Vinham os pássaros catar os moluscos
Para a fome saciar.
Dançavam deixando rastros
Na areia molhada.

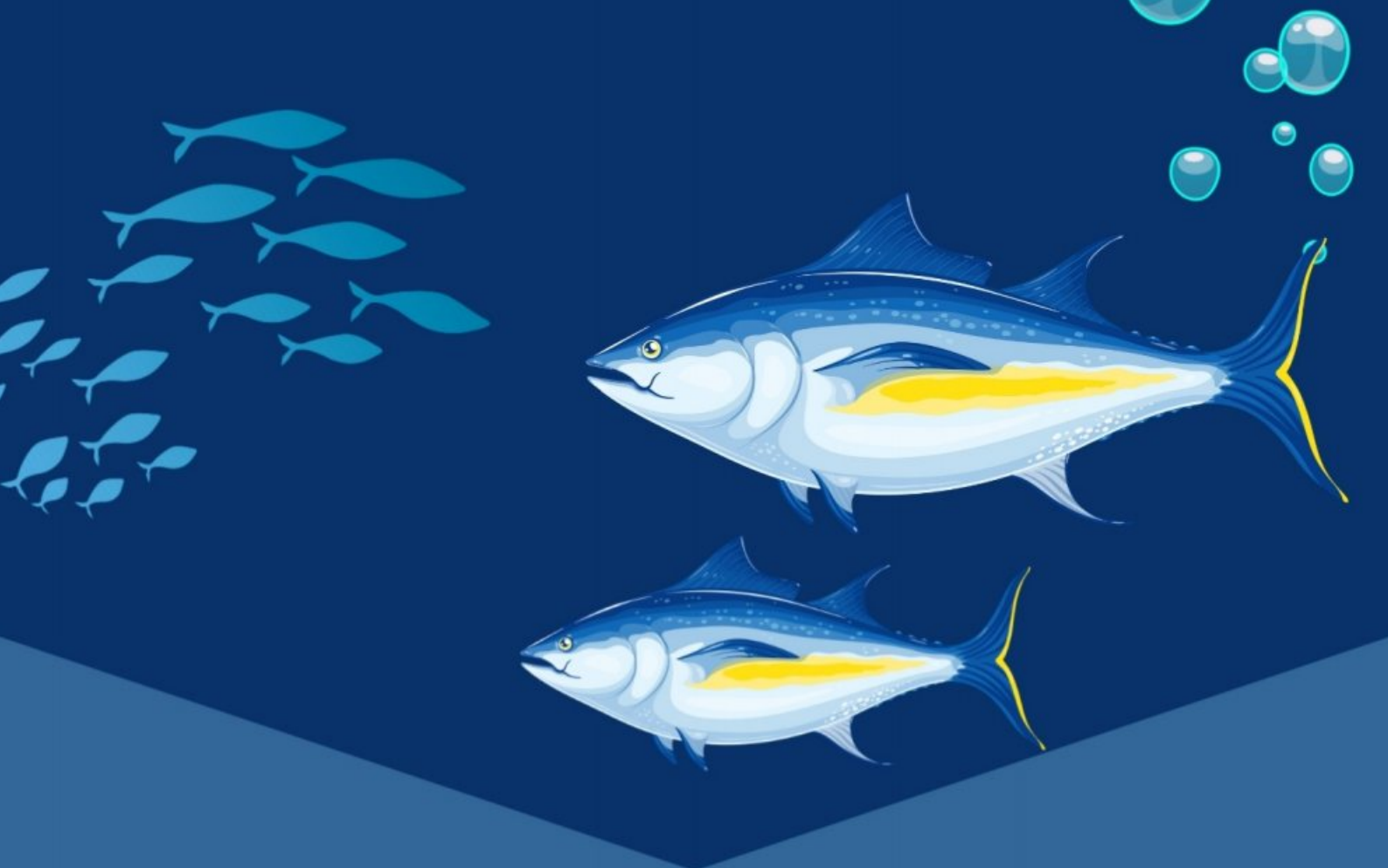
Naquela areia, naquela praia
Debaixo do grande guarda-sol eu brincava.
Construí um castelo onde moram duendes
A avó é rainha, eu sou princesa
A coroa é de puro ouro cravejada
Com pedras brilhantes.
No jardim tem plantas de muitas cores
Borboletas e beija-flores.
Para ver os peixinhos coloridos

Ladrilhei caminhos com estrelas e conchinhas.

O castelo era de areia, veio uma onda, e desmoronou.

Todavia, o som, o céu, o sol e o mar deste lugar são mágicos.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

CANÇÃO NOTURNA

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado em concursos da Conexão Literatura — com a qual colabora desde o nº 37 —, Ed. Arame Farpado e Ed. Mhajulla. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e vinte e cinco antologias. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Era uma Vez um Outono", "A Voz do Oceano" etc. E-mail: schimaroberto@gmail.com

O orgulho britânico afunda vagarosamente. Com ele vão-se as esperanças de uma geração, a suprema segurança da tecnologia perfeita, a civilização ideal. No convés de popa, pessoas apavoradas sentem-se elevar. A sensação é a de se estar em um imenso elevador a céu aberto. O vento gelado soprando de todas as direções, o chão transformando-se em parede, infinitos sons convertendo-se em um coro inesquecível.

E pensar que, momentos antes, tudo era festa e alegria.

Nos salões ricamente decorados, homens de negócio discutiam as cotações da bolsa de Nova Iorque ou jogavam cartas, enquanto suas esposas competiam sutilmente pelo vestuário mais requintado.

Lady Gordon, indignada, interrogava o marido:

— Querido, como os Ismay completaram sua oitava volta ao mundo enquanto nós mal fizemos três?

Sir Cosmo, em traje de gala, sequer prestou atenção.

— Cosmo, estou falando com você!

— Hein?! Ah... Desculpe-me, querida, eu estava com o pensamento distante. O que disse?

— Eu perguntei: por que é que não viajamos tanto quanto os Ismay?

— Ora, você sabe que não tenho tempo. Os negócios...

— Sei, sei... — disse Lady Gordon, irônica. — Qual o nome dos “negócios”? Kate? Eleanor? Susan?

— Querida!

Na parte inferior do navio, os passageiros de terceira classe divertiam-se como podiam. A maioria, porém, preferia pensar na nova vida que os aguardavam. Outros dormiam.

Agora, a proa do navio começa a afundar com grande estrondo misturado aos gritos dos inocentes. O oceano, liso como um espelho, agita-se ao redor. Estrelas distantes, ignorantes do trágico drama, persistem a brilhar no céu límpido, conforme sempre haviam feito.

Para as pessoas à salvo nos botes salva-vidas, a cena é terrível. Veem o ventre metálico rasgado, por onde toneladas de água entram sem parar. Pessoas desesperadas atiram-se ao mar na esperança de sobreviverem, apenas para serem tragadas às profundezas pela sucção do horrendo monstro.

De algum lugar do navio, a orquestra persiste, tocando uma melodia. A música invade a noite, ora abafada pelos gritos e o chocar de objetos mil, ora encoberta pelo rugir do oceano. Uma estranha sinfonia dedicada ao belo e ao grotesco. Os compartimentos de terceira classe estão quase todos submersos. Pessoas humildes, despertadas de seus sonhos, veem-se presas pelos escombros da primeira e segunda classe dos andares acima. Aquelas que, de algum modo, encontram a saída para o convés através do labirinto de corredores, veem seu acesso aos escaleres barrado pelas multidões mais abastadas. Para outros, todavia, só resta perecer, rezando vigorosamente por um céu seco. Na cozinha, panelas despencam, mantimentos misturam-se aos pratos preparados, louças decoradas em arabescos transformam-se em mosaicos abstratos. Lamparinas de querosene caídas pelo assoalho propagam incêndios que são uma afronta a situação. O salão Luís XV, decorado com pinturas raras, lustres de cristal, finas pratarias e móveis holandeses, é agora um monte de entulhos. Na escuridão da noite, as luzes do navio ainda são visíveis, e o vulto da montanha de gelo cobre as estrelas.

O tempo passa...

A proa não se faz mais visível. O poderoso transatlântico inclina-se na vertical, atirando os naufragos de encontro às paredes, escadarias e amuradas. Por fim, nem um borbulhar crescente, o gigante desaparece.

O silêncio cai pesaroso. Logo, porém, dá lugar aos gritos dos que, milagrosamente, sobreviveram e nadam nas águas geladas. Curiosamente, os que se encontram nos botes salva-vidas permanecem em silêncio. Um estado de transe como se os gritos fossem um zunido perdido na imensidão do Atlântico.

Um dos primeiros escaleres a ser descido foi o dos Gordon. Afasta sem rumo com todos olhando o navio ser engolido. Nele há doze pessoas, apenas doze, quando na verdade caberiam quarenta. Gente fina a bem da verdade. A maioria carrega seus pertences; os homens, seus títulos de crédito, contratos de grandes negócios; as mulheres, seus casacos de pele, joias e exóticos perfumes. Até uma garrafa de fino vinho francês foi salva, aquecendo os corpos encolhidos. O marinheiro a bordo faz menção de voltar para recolher os sobreviventes:

— Vamos pegar aqueles que estão vivos, antes que morram congelados!

— Não — diz imediatamente Sir Cosmo. — Há outros botes mais próximos que poderão recolhê-los. Ademais, precisamos zelar pelos nossos bens. Ouvi dizer que há ladrões entre a terceira classe.

Outros concordam, acrescentando que poderiam se molhar; e o barco, até virar.

— Meu jovem — diz Sir Cosmo ao marinheiro. — Tome lá cinco libras como indenização pelo dia de serviço. Não se preocupe que o recomendarei aos seus superiores em terra.

Assim, o bote afasta-se do centro do desastre. Os clamores tornam-se cada vez mais esparsos até cessarem por completo. Ouvem-se choros a distância que logo se calam.

Há um profundo silêncio na escuridão. Apenas o som das ondas nos cascos é ouvido.

Em um dos amontoados de pertences, Lady Gordon, usando sua estola de marta, está satisfeita. Afinal, não perdeu grande coisa e, principalmente seu gatinho branco, Fênix, está a salvo. “Tantos peixes no mar e não tenho nenhum para você”, pensa tristonha. Lembra-se de que certos povos do oriente incluem felinos no menu e, com um arrepio na espinha, pergunta-se como podem fazer uma maldade dessa. O gatinho ronrona, agradecendo a carícia feita. Lady Gordon, abre a mala e retira uma bela caixinha de música. Uma taça de vinho lhe é servida. Agora, as águas do Atlântico Norte estão em paz, quase sem ondas. O céu sem nuvens deixa ver nitidamente as constelações como luzes bordadas no pano de fundo do espaço. Um vento frio percorre as pessoas que, instintivamente, aconchegam-se mais umas às outras.

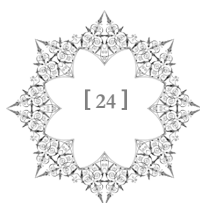
Os minutos vão passando lentamente. Silêncio...

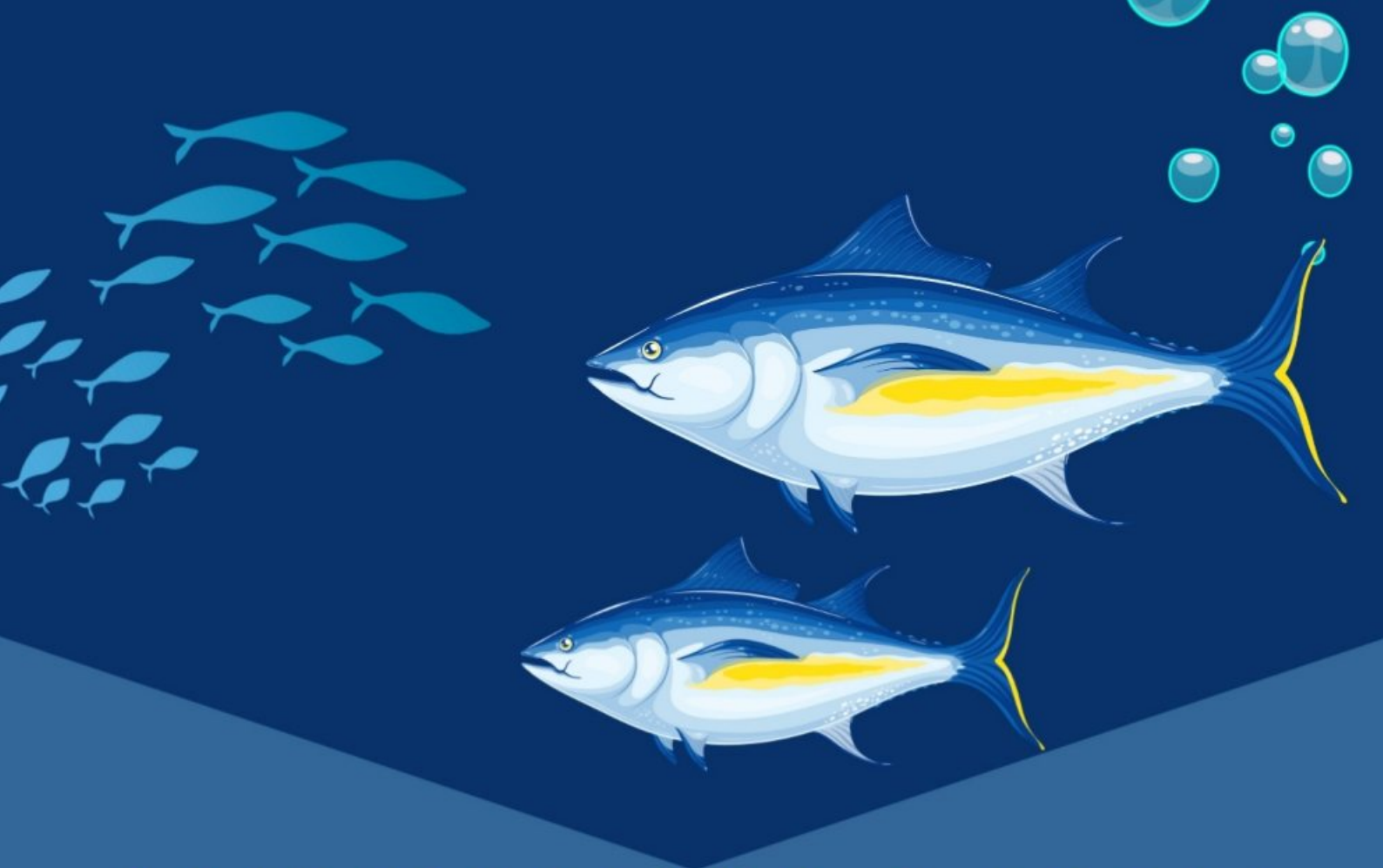
E no silêncio, no profundo silêncio, ouve-se melancolicamente a caixinha de música tocar. É uma canção de ninar. Uma música suave espalhando-se com a brisa na escuridão...

NOTA DO AUTOR:

O presente conto é uma relíquia. Foi escrito em 11/01/1984 e ampliado em 06/10/1985; muito antes, portanto, do filme "Titanic", de James Cameron, 1997. Fez parte de meu primeiro livro, "Pequenas Portas do Eu" (João Scortecci Editor, 1987), e da antologia "Titanic: Um Mar de Histórias" (Editora Olympia, 2023), organizada por Carlos Franco. A

origem dessa história é curiosa. Foi escrita durante a prova de redação para o vestibular da FATEC, curso de Processamento de Dados, cujo tema seria uma dissertação sobre a poesia "Anedota Búlgara", de Drummond. Só que, por distração, em vez de dissertação, acabei por fazer uma narração! Pestanejei e dei a prova por perdida e, por tabela, o vestibular. No entanto... Surpresa! O examinador deve ter gostado do texto, pois, apesar do equívoco, fui aprovado. Não, acabei não concluindo o curso, mas essa é outra história...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CAMINHOS DO MAR

Por Sellma Luanny

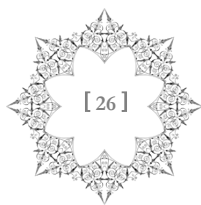
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

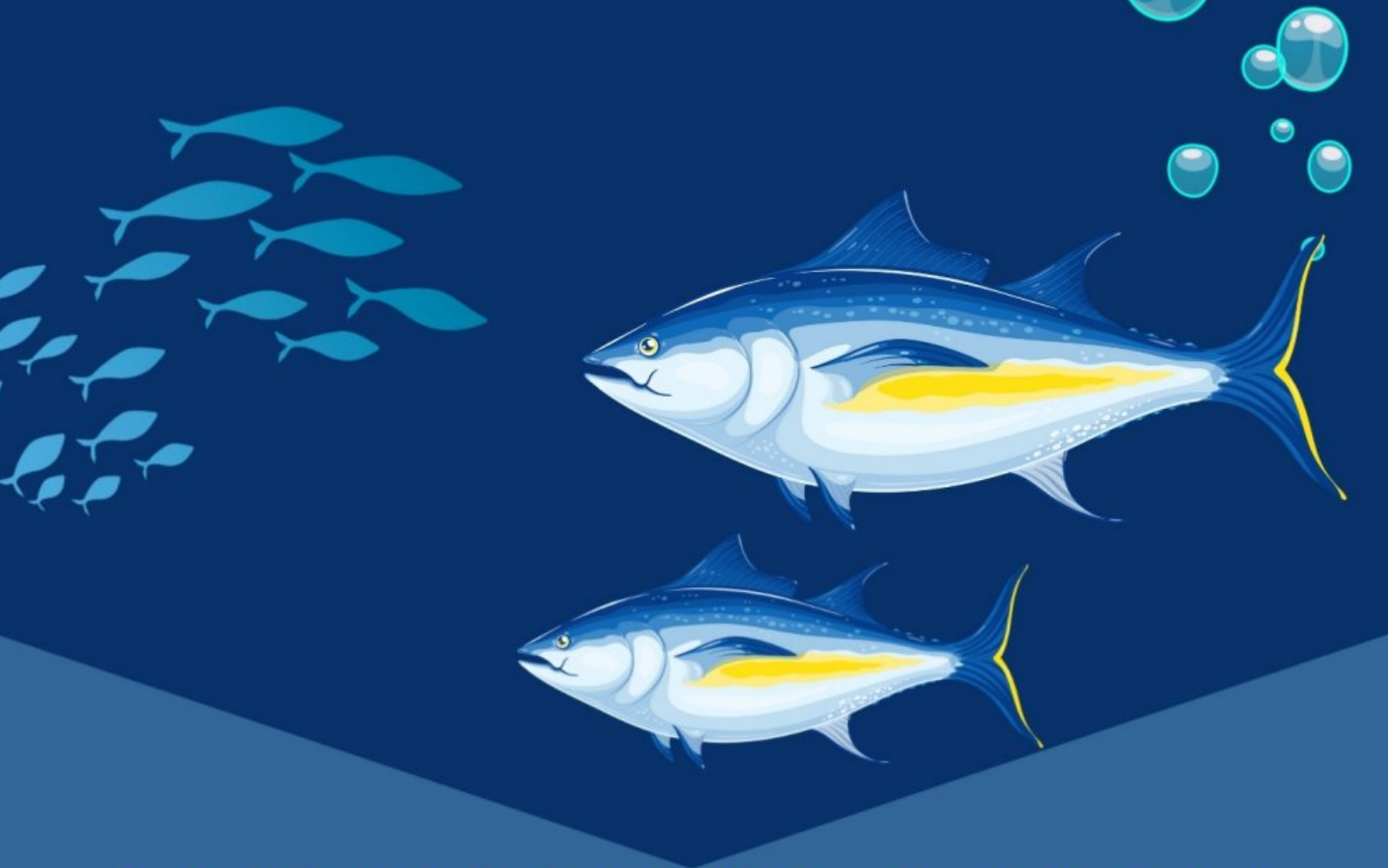


Quando chego à tua margem,
desviar da sujeira, um desafio.
E nem sempre consigo
dos perigos, desvencilhar-me.

Essa "normalidade" desmerece
a tua cor e as tuas dimensões...
E o teu odor já não o mesmo...
a espelhar aflitivas misturas.

Os caminhos para o mar
já há muito ofuscados...
a beleza que o representa
desfazendo-se no tempo.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AMO O MAR

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Amo mesmo!

Um mar limpo das sujeiras dos homens.

Se possível sereno, ensolarado

totalmente azul e transparente

onde os peixes ainda nadam

sem receio de redes e anzóis.

Amo o mar de todos e

ainda meu quando com cautela

o enfrento e deixo-me flutuar.

E nas suas areias ando... belas conchas

pego e deito-me a cochilar.

E tento imaginá-lo livre de moléstias.

Amo o mar

que na sua imensidão

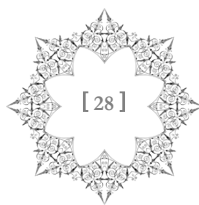
nas eras e profundezas

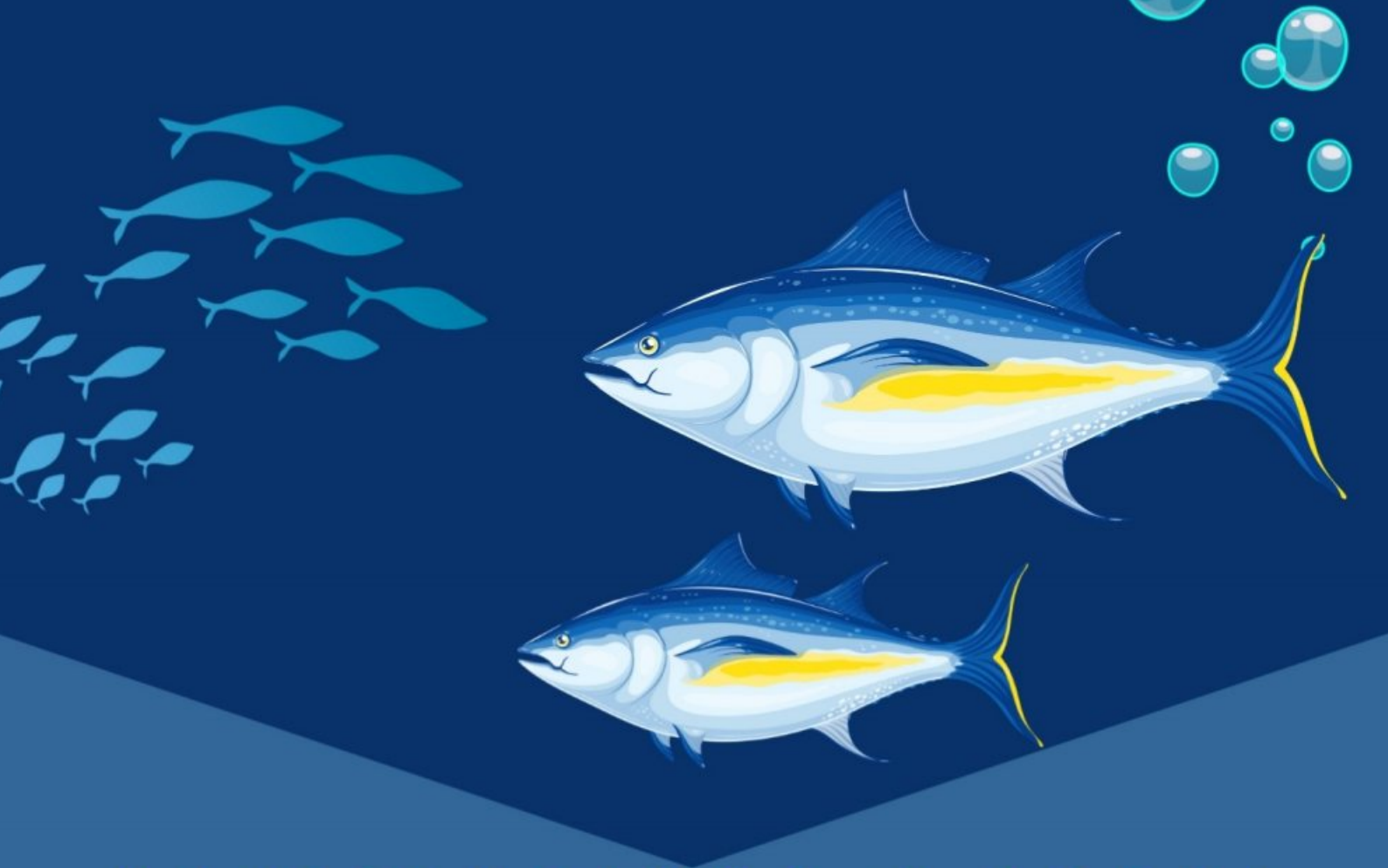
em meio ao mistério que guarda

foi e ainda é de incontáveis vidas berço.

E continua a deslumbrar-me

mesmo se pelo vil assoreado.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

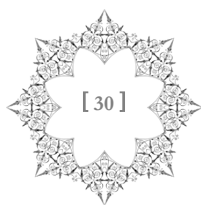
O MAR É VOCÊ

Por Vinicius Borin

Vinicius tem 24 anos, 8760 dias, 210.240 horas, 12.614.400 minutos 756.864.000 segundos, cada um deles passados na espera de quando aqueles que o ouvirem colocarão a mão no queixo e ele saberá que nasceu pra isso.



O mar me lembra você
a calma das ondas me traz paz
paz como a que seu sorriso me traz
o estalar das ondas me conforta
conforto como o que sua risada me causa
a maresia é meu sonífero
um sonífero como seu cheiro
que não depende de algo artificial
é simplesmente seu cheiro natural.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI